

A DESCONSTRUÇÃO DO MASCULINO:
UMA CONTRIBUIÇÃO CRÍTICA À ANÁLISE
DE GÊNERO

Sócrates Nolasco

Um panorama possível

A emancipação do indivíduo na ordem político-social, essa conquista da modernidade do final do século XVIII e das primeiras décadas do século XIX, emparelhava-se com a afirmação confiante e orgulhosa da individualidade nos domínios da ética e da estética. Não obstante, Schopenhauer e Nietzsche analisaram as ilusões e males do individualismo, e essa crítica encontrou seu prolongamento na psicologia e na sociologia do final do século XIX e do início do atual: "A autonomia e a solidão do indivíduo aparecem como um dos fenômenos mais ambivalentes da condição moderna."¹ A crise do individualismo, vivenciada sob a forma de um sentimento de identidade, se encontra no cerne da literatura e das ciências humanas.

Desta maneira, Jacques Le Rider² contextualiza a "crise de identidade masculina". Uma certa idéia de desconstrução do masculino aparece estreitamente ligada à transição para a modernidade. Analisando trabalhos de diferentes autores, como Freud, Musil e Mahler, Le Rider vai traçando um panorama do "mundo moderno", por meio das diferentes crises de identidade da mulher, do homem e dos judeus.

A fragmentação se acentua cada vez mais e como uma decorrência da radicalização do individualismo nos apresenta agora esse abandono do homem que se vê remetido a si mesmo, buscando o encontro com a própria singularidade e sua capacidade

¹ Le Rider, Jacques. *A modernidade vienesa e as crises de identidade*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1992.

² *Ibid.*, p. 11 a 28.

1PE-ECO-OCUL-5-16-55

de diferenciação como única possibilidade de situar-se diante de um mundo pluralizado.

O indivíduo atual é sincrético, confuso e indefinido. Personagens homens, por exemplo, criados pela literatura de João Gilberto Noll, cada vez mais podem encontrar seus clones nas esquinas do cotidiano urbano das grandes cidades.

Em vários países do Ocidente, homens de diferentes faixas etárias se aliam para formar grupos de reflexão sobre a condição masculina contemporânea.³ Entre as diferentes temáticas levantadas por eles, vamos nos ater às razões do envolvimento dos homens em situação de violência; às transformações cotidianas nos vínculos entre pai e filho(a); à reavaliação sobre o modo como os homens se reconhecem no trabalho.

Um indivíduo polifônico,⁴ produzido a partir de sucessivas crises, emerge no cenário contemporâneo. No depoimento de algumas mulheres que vivem nos grandes centros urbanos, encontramos uma associação direta entre símbolos da condição masculina (exemplo: carro, prestígio e poder) e a expressão de seu lado masculino. Da mesma forma, alguns homens, ao reconhecerem suas necessidades afetivas, o fazem referindo-se ao seu lado feminino. Há, portanto, uma "autorização" para que o indivíduo possa distanciar-se de um certo determinismo naturalista utilizado pelas ciências humanas e sociais, que definem o que são comportamentos de homem e de mulher, tomando para si o que *socialmente* está atribuído ao outro sexo. "Homem-feminino" e "mulher-masculina" são virtualidades que apontam mais para uma transição do que propriamente para uma "nova representação" dos indivíduos. A noção de bissexualidade, analisada por Freud, no entanto, nos oferece um suporte para a compreensão desta opera-

³ Refiro-me particularmente aos grupos com os quais venho mantendo contato, sediados em países da América do Sul, Canadá, EUA. No Brasil ainda não existem grupos atuando segundo uma perspectiva reflexão-ação.

⁴ Este termo é uma denominação criada a partir do trabalho de Jane Flax - *Thinking Fragments*, University of California Press, EUA, 1990. Neste livro, Flax analisa as restrições criadas por concepções como as da psicanálise, do feminismo e da condição pós-moderna, e aponta o quanto cada uma tem a contribuir para as questões levantadas pelas outras. Neste sentido, refere-se a uma voz polifônica erguida a partir do registro dos diferentes tipos de problemática levantados pelas mulheres (negra, do sul, operária etc). Aponta o quanto o feminismo se sustenta por meio de uma representação única de mulher, deixando pequenas histórias e novos registros para tematizarem a problemática feminina.

ção de distanciamento e autorização do masculino e feminino, à qual o indivíduo se remete para falar da incorporação de novas experiências.

Por meio da metáfora de um duelo, Freud comenta que "o sexo (...) que domina a pessoa teria recalçado no inconsciente a representação psíquica do sexo vencido".⁵ A bissexualidade foi assunto de várias correspondências entre Fliess e Freud, assumindo nas mesmas status de "fenômeno humano". Comenta Fliess: "A bissexualidade é um fenômeno humano universal e que não se limita, por exemplo, ao caso patológico da homossexualidade."

Apoiados na noção de recalçamento, ambos apontam que há um conflito em todos os indivíduos entre tendências masculinas e femininas. Contudo, segundo Laplanche,

*a posição de Freud quanto ao problema da bissexualidade não foi francamente definida por ele; ele próprio reconhece em 1930 que a teoria da bissexualidade comporta ainda numerosas obscuridades e que não podem deixar de estar seriamente embaraçadas em psicanálise por não ter sido encontrada ainda sua ligação com a teoria das pulsões.*⁷

Percebemos que Freud dá uma importância psicológica à noção de bissexualidade, mas mantém reservas. Seguindo o caminho percorrido por Laplanche, podemos apontar que "aquilo que vai contra o sexo do indivíduo sofre recalçamento." A partir daí, nossas análises ganham um relevo interessante. Primeiramente porque nos colocamos diante do que a cultura define (no plano sociológico e psicológico) o que são as características de um e de outro sexo, e, em segundo, por podermos pensar o que um homem e uma mulher devem recalcar para serem reconhecidos como homem ou mulher. Se a anatomia não é um destino, ela é pelo menos um ponto de referência e confluência das possibilidades de reconhecimento das múltiplas organizações subjetivas.

Atualmente, a busca de sistematização para as possibilidades de análise sobre a condição masculina encontra solo e se encarna em países onde são intensos os impactos de uma sociedade pós-

⁵ Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. *Vocabulário de psicanálise*, Martins Fontes, São Paulo, 7ª ed., 1983.

⁶ *Ibid.*, p. 88.

⁷ *Ibid.*, p. 89.

19E-ECO-PCUL-5-16-(2)

industrial e altamente tecnológica. Mesmo que esta sistematização se faça por meio de conceitos "caros ao pensamento moderno, tais como: razão, totalidade, sujeito, verdade e progresso",⁴ sua elaboração considera o fato de que a tradição iluminista contribuiu para reforçar o modelo de homem que estamos problematizando. Neste sentido, as representações de *homem trabalhador, homem pai, homem sexo, homem violência, homem emoção* abrem frente a questões como: o que é ser um homem? O que quer um homem no contexto contemporâneo?

Porém, é possível que um homem sustente uma destas indeterminações e mantenha-se incrédulo diante do que a cultura do Ocidente definiu como comportamento de homem? Para um homem, sustentar tal indeterminação é o mesmo que pôr em dúvida sua escolha sexual. No processo de socialização de um menino, surgem dúvidas que jamais se extinguem acerca do seu comportamento sexual, produzidas pela família e escola. Por meio dessa dúvida se estabelece o que é esperado de um menino: virilidade, agressividade e determinação.

No que se refere à preferência sexual, um menino vive sob vigilância contínua, para que se saiba quanto determinado é com relação à sua escolha. Excluídas as manifestações de força física e violência, qualquer possibilidade de demonstração de ternura, carinho ou dor é diretamente associada a uma dúvida sobre a escolha sexual. Para um homem, ter os afetos fora das trilhas definidas socialmente para eles é sinal de que a heterossexualidade não vingou. O machão, o homem educado, o menino que não reage a brigas, enfim, hoje qualquer um destes tipos recebe um olhar inquisitor que põe em dúvida sua preferência sexual.

A representação social dos homens é constituída a partir do sexo, que se torna um dispositivo norteador para suas ações e intenções durante a vida, sejam eles homo ou heterossexuais. Todavia, deve-se manter incrédulo diante desta narrativa sobre os homens (a mesma incredulidade diante do metadiscurso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes) para que seja compreendido o ponto de vista apresentado por alguns Grupos de Homens.

⁴ Barbosa, Wilmar do Valle. "Tempos pós-modernos", in Jean-François Lyotard, *O pós-moderno*, José Olympio, Rio de Janeiro, 1979, 4: ed.

Contudo, a denominação feminina dada a certos comportamentos dos homens informa que há um campo novo de possibilidades para a representação de "experiências" que o indivíduo não estava autorizado a viver. Se esta qualidade de ser homem torna-se universalizante, recaímos em outra metanarrativa. A legitimidade da representação masculina associada a comportamentos de virilidade, posse, poder e atitudes agressivas se "relativiza", abrindo frente a outras possibilidades de representação do homem. É neste sentido que não se acredita mais que exista o masculino como único conceito norteador e gerador de referências para o comportamento dos indivíduos.

É necessário avançar além deste suposto *homem feminino*, para compreender que os esforços dos indivíduos estão dirigidos para a busca de legitimação de desejos e comportamentos até então socialmente atribuídos à mulher. Se por um lado a denominação homem feminino garante certa qualificação para alguns desejos, por outro, ela encarcera o indivíduo no campo dos estereótipos sexuais.

Diante do processo de fragmentação social vivido pelas sociedades pós-industriais, o masculino deixa de agregar valor ao que o indivíduo experimenta, servindo apenas como recurso de linguagem para referir-se à experiência. Para alguns homens, a denominação macho é restritiva, e faz com que eles recorram a outro campo de representação (o do feminino) para nomear vivências que valorizam no cotidiano. Novas possibilidades de engajamento surgem para homens e mulheres, o que gera um esforço para encontrarem um correspondente subjetivo para ações diárias.

Por exemplo, as ações de cuidar do filho(a) ou de valorização da satisfação afetiva em detrimento da material têm sido associadas à mulher. Isto quer dizer que, por meio da fala dos homens, identificamos que eles esboçam certo assujeitamento às definições de masculino e feminino, ao adotarem ambas para se referir ao campo do que está sendo vivido. Diante de uma transição entre uma representação de homem construída pelo modelo patriarcal e outra relativizada, as categorias masculino e feminino, tal como definidas pela cultura do Ocidente, continuam norteadoras para a leitura dos comportamentos individuais.

A dificuldade de sustentar temporariamente uma indeterminação sobre a representação de homem tem feito com que os

192-ECCO-PCWL-5-16-(3)

indivíduos operem com categorias já determinadas (masculino e feminino) para nomear o envolvimento com novas experiências. O que implica ainda manter o esforço de "inteireza" na fragmentação. Um efeito radicalizado pela militância feminista.

A literatura feminista vem adotando a denominação *mulher*⁹ como categoria totalizante. A crítica feita ao lugar de segundo sexo¹⁰ trouxe em si mais do que a revelação sobre a condição feminina — ela ofereceu elementos para composição de um projeto feminista que se manteve por meio de uma argumentação sexista. Ao identificar a mulher como o segundo sexo, reconhecemos obviamente a existência de um primeiro. É duvidoso e ao mesmo tempo sedutor pensarmos que o primeiro goze de um estado de plenitude. As exigências de desempenho em uma sociedade como a nossa (capitalismo avançado) impõem performances de desempenho rigorosas para ambos os sexos.

Mais do que tentado pensar sobre esta "primazia" vivida pelos homens, o feminismo a tem alimentado, como forma de fortalecer o que está no centro das análises de gênero — ampliação e relativização das possibilidades de representação para indivíduos e seus projetos de mobilidade social.

Neste sentido, desenvolve-se um metadiscurso sobre a condição feminina cuja função é concebê-la genericamente. É preciso crer que todo e qualquer homem "oprime" toda e qualquer mulher. Frente a um quadro de contínua fragmentação social, este argumento não se sustenta, na medida em que a *dialética do senhor e do escravo* avança para uma outra mais complexa ainda. O filme *Blade Runner*, de Ridley Scott, ilustra, como metáfora, esta complexificação:

Revoltados com suas condições de "trabalho escravo" e buscando prolongar seu tempo de vida, quatro replicantes chegam a Los Angeles, lutando e matando, cidade em que o blade runner Deckard, um especialista em métodos de detecção e retirada de replicantes que escapam, é convocado a tratar deles. Embora cansado de toda matança e violência, Deckard é obrigado a deixar o repouso da aposentadoria, pois as autoridades só lhe dão duas opções:

⁹ Ver Jane Flax, op. cit., parte III.

¹⁰ Referência ao livro de Simone de Beauvoir, *O segundo sexo*.

*aceitar a tarefa ou sofrer sua redução a "pessoa inferior". Portanto, tanto ele como os replicantes têm com o poder social dominante na sociedade uma relação semelhante; essa relação define um vínculo oculto de simpatia e de compreensão entre caçados e caçador. Durante o filme, a vida de Deckard é salva duas vezes por um replicante, enquanto ele salva a vida de um quinto, uma replicante recém-criada e ainda mais sofisticada chamada Raquel, por quem Deckard finalmente se apaixona.*¹¹

O sexo já não define mais quem é caça ou caçador.

O múltiplo marca cada vez mais revelações da diferença em uma sociedade que se impõe por meio da técnica "essencialmente cibernética-informática e informacional".¹² A derrota do "humano" não está em sua substituição pela máquina e seu ideal de desempenho, mas no que resulta deste esforço: a concepção de um humano mais humano ainda criado à semelhança da máquina.

Os esforços empreendidos pelos homens na busca de uma outra possibilidade de inserção na cultura contemporânea se concentram inicialmente na tentativa de compreender o significado que têm para suas vidas os adjetivos que os qualificam como homens na cultura do Ocidente, para a partir daí analisar os efeitos produzidos sobre eles. As exigências viris, de posse e poder, bem como ser assertivo e competitivo sexualmente, mantêm os homens presos à questão do desempenho. Os padrões de comportamentos que os qualificam como homens se aproximam dos exigidos para máquinas. Enquanto identificados com homem máquina, estes indivíduos ficam impossibilitados de problematizar a maneira como socialmente tornaram-se homens.

Os grupos que discutem a condição masculina surgem para problematizar este "tornar-se homem", bem como para apontar os impasses inerentes a esta condição. Esses grupos surgiram a partir da impossibilidade com que defrontam os homens de falar sobre sua singularidade e história pessoal, e são uma forma de representação de seu cotidiano.

Ao longo da vida, um homem passará por experiências que lhe ensinarão o que significa desempenhar o papel masculino.

¹¹ Harvey, David. *Condição pós-moderna*, Loyola, São Paulo, 1993, p. 277-289.

¹² Ver Barbosa, Wilmar, op. cit.

A MASCULINIDADE É MANTIDA ATRAVÉS DO DESEMPENHO, ASSEMBELHANDO O HOMEM A UMA MÁQUINA.

198-ECO-PCUL-5716-LU1
filme

Desde criança, ele é estimulado a se afastar de suas "experiências interiores", ao mesmo tempo em que é pressionado a obter o melhor desempenho no que faz. Esta filosofia da ação gera um efeito totalizador sobre a representação social masculina, que tem no sexo seu dispositivo homogeneizador. Daí surge a crença de que todos os homens são iguais. Ao se manterem auto-referentes, as análises de gênero tendem a transformar-se em um discurso fechado sobre homens e mulheres, em que as metanarrativas (amplos esquemas interpretativos) deixam de ser considerados também opressivos aos homens. Afinal há homens que não se identificam com apelos de posição e poder. Por outro lado, os homens que mantêm sua raiz e história centradas no contexto patriarcal, cada vez mais se tornam apenas disponibilidades de *força-ação*, visíveis como excesso, no envolvimento com situações de violência. A contínua elevação dos índices de desemprego nos mostra isto.

Ambos ou um mesmo?

A perspectiva feminista das análises sobre o surgimento dos Grupos de Homens repousa numa generalização da opressão do homem sobre a mulher e produz duas interpretações. A primeira reconhece as questões levantadas pelos homens e se limita a identificá-las como um dos efeitos provocados pelo feminismo. Assim, a conseqüente reavaliação dos homens a respeito de seu papel social seria decorrente do movimento de mulheres.

A segunda acredita que os homens estão se organizando para garantir soberania no jogo político em relação às mulheres. Limitar-me-ei à primeira por optar, neste artigo, por focalizar o trabalho desenvolvido por grupos que reconhecem a contribuição social do movimento de mulheres.

Mesmo que os Grupos de Homens tenham se constituído no início dos anos 70, não podemos tratá-los como bloco homogêneo e indiferenciado. Há organizações específicas e alguns, é preciso identificá-los,¹³ são preconceituosos e discriminadores em relação a movimentos de mulheres ou homossexuais. Neste texto, privilegiarei o trabalho realizado por grupos que buscam compreender o

¹³ Refiro-me especificamente ao Movimento por los Derechos del Hombre (MHD) Santiago do Chile. Em nome da ecologia e dos modelos naturais, abundam em preconceitos e discriminação em relação às mulheres e aos homossexuais.

modo pelo qual a paternidade, o tipo de identificação com o trabalho e com a violência nos auxiliam a pensar a articulação entre a representação do homem, tal como conhecemos, e o modelo de sociedade pós-industrial e capitalista.

A primeira questão parte de uma perspectiva causal em que a construção da representação de uma "nova" mulher implicaria necessariamente a de um "novo" homem. Esta percepção nos leva a crer que o que se passa no interior dos Grupos de Homens se assemelha ao ocorrido com as mulheres, só que agora com os homens ocupando o lugar de um grupo "marginal", fora, portanto, do centro de uma cultura falocêntrica. Esse fato mostra-se destoante do modelo sexista criticado pelas feministas, na medida em que cria uma possibilidade para pensarmos um outro tipo de homem que não é opressor e que não faz parte da base do argumento feminista. Este reconhecimento traz alguns problemas para o argumento feminista, que se enfraquece diante de um homem fora do lugar do opressor. Uma outra implicação está no fato de que a categoria homens como bloco monolítico deixa de existir. A representação de homem que se apóia na expressão de um desempenho viril, dominador e possessivo deixa de ser legítima quando refere-se a todo e qualquer homem. Por conseguinte, podemos indagar se o argumento feminista é representativo para toda e qualquer mulher.

É problemático desvincular o homem da dinâmica falocêntrica. Contudo, haveria uma solução para evitarmos este embaraço – torná-lo herdeiro do feminismo. Ao aproximarmos o que está sendo experimentado pelos Grupos de Homens do que ocorreu com as mulheres, reduziríamos a complexidade da cena contemporânea à problemática de gênero. Bem sabemos os transtornos trazidos por um tipo de análise que tenta se manter frente a processos sociais que privilegiam o transitório, o efêmero e o presente, por intermédio de uma teorização que crê, ainda, no privilégio do homem sobre a mulher. Em vez de identificar um vínculo de simpatia e compreensão entre ambos, diante de um mundo que os tornou semelhantes, as análises de gênero ainda não se desenvolvem partindo desta premissa. Buscam generalizações, mas partindo de e operando com fragmentos.¹⁴

A perspectiva feminista tem sido amplamente adotada, tanto pela mídia quanto pela academia, para a compreensão do que está

¹⁴ Ver Jane Flax, op. cit.

198-ECO-PCUL-5-16 (S)

acontecendo com os homens, como se estivéssemos diante de um certo *masculinismo*. Há, entretanto, uma dificuldade de suportar a indeterminação gerada pelo processo vivido pelos homens, e busca-se rapidamente ancorá-lo ao já estabelecido. O esforço masculino torna-se assim um simulacro do feminino. Institui-se a crença de que há um primeiro por meio do qual se constitui a análise de gênero, cujo centro é o feminismo. Novamente um esforço do segundo em tornar-se primeiro. Ao descaracterizar a propriedade das análises identificadas pelos homens no que se refere à condição masculina, perde-se a possibilidade de agregar às análises de gênero uma contribuição relevante para a compreensão das relações contemporâneas, e conseqüentemente gerenciar os efeitos produzidos pelo excesso da radicalização da diferença.

O primeiro sexo

Deleuze nos conta que as situações cotidianas e mesmo as situações-limite não se assinalam por algo raro ou extraordinário. São apenas uma ilha vulcânica de pescadores pobres. Apenas uma fábrica, uma escola... Nós passamos bem perto de tudo isto, até mesmo da morte, dos acidentes em nossa vida. Vemos, sofremos, mais ou menos, uma poderosa organização da miséria e da opressão. E justamente não nos faltam esquemas sensoriomotores para reconhecer tais coisas, suportá-las ou aprová-las; comportamo-nos como se deve, levando em conta nossa situação, nossas capacidades, nossos gostos. Temos esquemas para nos afastar quando é desagradável demais, para nos inspirar resignação quando é horrível, nos fazer assimilar quando é belo demais. Notemos a este respeito que as metáforas são esquivas, sensoriomotoras, e nos inspiram algo quando já não se sabe o que fazer: são esquemas particulares, de natureza afetiva. Ora, isto é um clichê. Um clichê é uma imagem sensoriomotora da coisa. Como diz Bergson, nós não percebemos a coisa ou a imagem inteira, percebemos sempre menos, percebemos apenas o que estamos interessados em perceber, ou melhor, o que temos interesse em perceber, em razão de nossos interesses econômicos, crenças ideológicas, exigências psicológicas. Portanto, percebemos apenas clichê.¹⁵

¹⁵ Deleuze, Gilles. *A imagem-tempo*, Brasiliense, São Paulo, 1990.

O masculino percebido como um clichê se sustenta no argumento biológico. É recente considerá-lo desvinculado do sexo. Durante muitos anos sexo e gênero foram tomados como sinônimos. A compreensão dos homens sobre eles mesmos se apóia em uma suposição biológica, na qual o que se sente, pensa e faz é tido como decorrente do efeito desta herança orgânica.

A reflexão feita por Bergson,¹⁶ apesar de produzida fora das questões de gênero, pode nos auxiliar a compreender o que vem a ser a "desconstrução" do masculino. Para isto, é importante apontarmos que o masculino, como categoria que serve a uma cadeia de identificações e comportamentos, configura para o indivíduo um campo de representação comprometido com a visibilidade do empírico. A ação, o fazer, o realizar e o desempenho colocam os homens continuamente diante da questão do uso e da legitimidade de seus comportamentos. Estes, por sua vez, funcionam como respostas antecipadas a uma pergunta – o que é ser homem –, a fim de que ela não se coloque para eles.

É o que pensa Diderot em pleno século XVIII. Ele ainda podia escrever que são mínimas as diferenças existentes entre um homem e uma mulher. Uma mulher, diz ele, tem tudo o que um homem tem, exceto a bolsa que ela carrega fora, ou ainda, a que traz dentro de si.¹⁷

A anatomia tem servido como um porto seguro para referendar algumas certezas culturais criadas para definir homem e mulher. A socialização de meninos e meninas é realizada a partir daí. Para um homem, o sexo é âncora em que se amparam as identificações com as representações de homem e mulher valorizadas socialmente. A noção de um indivíduo como construção social tem recebido destaque nas análises de Foucault,¹⁸ que sinalizam o controle dos corpos e dos prazeres como dispositivo para produção de certa organização subjetiva, diferenciada historicamente. Há um corpo a ser determinado e nele uma inscrição de homem e mulher.

Neste contexto, a anatomia cede à história, e o corpo passa a ter uma história também. A determinação anatômica não se sustenta mais. Em um modelo social que toma por centro o critério

¹⁶ Ibid, op. cit., p. 31.

¹⁷ Badinter, E. *XY- de L'Identité Masculine*. Ed. Odite Jacob. Paris, 1992.

¹⁸ Refiro-me particularmente aos trabalhos *Microfísica do poder e História da sexualidade* (vol. I).

191-91-91-5-7171-16-16

tecnológico, a força física, como característica do desempenho masculino, deixa de ter valor. O cenário "maquinico" exige um outro tipo de indivíduo.

Por outro lado, no que diz respeito à socialização das meninas, percebemos que desde cedo uma inter-relação vai sendo tecida entre corpo, subjetividade e maternidade. De modo diferente, na experiência de vida dos homens estes aspectos guardam entre si uma relação de disjunção.

Para uma determinada forma de compreender a problemática de gênero, a maternidade define-se como um experiência de visibilidade, no corpo e nas narrativas da mulher. Nesta concepção, a paternidade se sustenta como um dogma.

Por que a paternidade não está referida ao desejo de um homem ampliar suas fronteiras emocionais, revelando-se na concepção e no que nela há de invisibilidade? Por que em nossa sociedade este dado não está a serviço da socialização dos meninos? Se nos anos 90 as meninas podem se identificar com um modelo de mulher (mãe) qualitativamente diferente daquela dos anos 20, para os meninos não se pode dizer o mesmo. Que alterações qualitativas se fizeram no cotidiano e na representação social do pai? Enquanto satisfação emocional, a paternidade é uma experiência socialmente valorizada para os homens? Por quê?

Estas perguntas mostram o vazio existente na organização e desenvolvimento da subjetividade dos homens. Sobre este ponto Corneau¹⁹ nos é esclarecedor. Em suas reflexões percebemos, por meio do depoimento de vários indivíduos, que há um tipo de tensão no processo vivido entre eles e o pai. Esta tensão gera um sofrimento constantemente produzido pela incapacidade de construção de canais de expressão e reconhecimento, por parte do pai, das necessidades afetivas do filho. Mais do que uma marca biológica, a pretensa autonomia e virilidade dos homens constitui uma reação emocionada a esta condição diante do pai.

Corneau nos oferece elementos para pensar o quanto o esforço feito por um indivíduo para provar que é um homem tem como referência tanto uma relação de estranheza (com o pai) como outra de identificação (com a mãe). Diante de um protótipo relacional descompensado (a mãe supre as necessidades afetivas e

¹⁹ Corneau, G. *Pai ausente filho carente*, Brasiliense, São Paulo, 1990.

o pai, as materiais), o menino se distancia de suas demandas afetivas, tornando-as estranhas a ele mesmo, ligando-se a elas por meio de comportamentos agressivos e violentos. Socialmente, estes comportamentos são valorizados e reconhecidos como inerentes ao macho.

O cenário apresentado anteriormente nos oferece uma perspectiva para análise e compreensão do envolvimento dos homens com a violência, na medida em que podemos conceber algumas hipóteses das correlações entre comportamento violento e relação com o pai. A representação deste pai tem como contorno o arbítrio ou a ausência, a obrigatoriedade ou a crítica. Estes aspectos se articulam e são revelados no universo do trabalho.²⁰

No que tange ao trabalho, percebemos que as taxas de desemprego têm alcançado índices elevados ultimamente. Paralelamente, a informatização assume um papel importante na transformação do modelo de gestão que hoje vigora no universo empresarial. Se nos anos 50 o modelo a ser seguido por um homem no trabalho era a vinculação a grandes corporações (multinacionais e grandes empresas nacionais), de modo que se consumasse o ideal de estabilidade e segurança, atualmente, pelas transformações no setor produtivo, esta forma deixou de existir como princípio. Os homens, a reboque, reagem como *força-ação*, procurando concretizar os apelos inerentes ao papel social masculino — sucesso obtido por meio de prestígio material.

A noção de um masculino definido como ação e centro de um sistema de relações (patriarcado) está hoje à mercê de processos de transformações sociais cujos critérios são tecnológicos e não somente humanistas-liberais. "O importante agora não é afirmar a verdade, mas sim localizar o erro no sentido de aumentar a eficácia, ou melhor, a potência."²¹ O masculino, enquanto verdade e modelo, vem sofrendo sucessivas relativizações, chegando a ser um recurso de linguagem utilizado no cotidiano para sinalizar algum tipo de jogo estabelecido entre indivíduos. Como categoria universalizante e totalizadora, está sem sentido.

Todavia, para o cotidiano de muitos homens esta categoria ainda tem uma função norteadora para seus comportamentos,

²⁰ Tolson, A. *Os limites da masculinidade*, Assírio & Alvim, Lisboa, s/d.

²¹ Barbosa, Wilmar, op. cit.

102-ECO-PCUC-5-16-(7)

porque está pautada em uma moral sexual civilizada.²² A concentração dos elementos que a constituem (posse, poder, virilidade, agressividade, iniciativa, sexualidade incontrolada) tende a se acentuar pois, diante de uma avaliação dos indivíduos calcada no desempenho e na eficiência, o sexo e o corpo perdem o lugar e o significado que tinham até então na história do Ocidente. Uma das consequências para os homens foi ter de empreender um esforço para compreender o que se passa à sua volta e com eles mesmos sem a referência do sexo. Como isso vem ocorrendo de forma lenta, os homens ficam sem palavras para mediar suas ações. Sem palavras, novas palavras para nomear, os homens reagem com violência.

A construção de um cotidiano marcado pela explicitação das próprias necessidades, pela tolerância em vê-las atendidas e o comprometimento com a busca cada vez maior da satisfação emocional têm sido apresentados por alguns Grupos de Homens que desejam reconhecimento por sua autonomia emocional. Com isto, o sexo deixa de ser o único operador em torno do qual se organiza a representação masculina.

Retomando o que mencionei no início do texto, Freud comenta que "a maior parte dos homens, em virtude da constituição bissexual dos indivíduos, permanece bem aquém do ideal masculino".²³ A modernidade vienense institui-se por meio de crises sucessivas, a masculina sendo uma delas.

A noção de bissexualidade presente nos textos freudianos reforça a desestabilização dos papéis das identidades individuais, até então firmemente ancoradas nas certezas do sexo anatômico. Esta noção alimenta a crise dos papéis na cultura moderna. Freud poderia ter explorado mais as implicações da bissexualidade, mesmo tendo tomado como base as convicções de Napoleão sobre a anatomia. A partir delas, as análises do gênero receberiam uma contribuição importante. A denominação "homem feminino" e "mulher masculina" apontam para a ausência de conceitos que possam operar mais eficientemente nas indagações a respeito do que caracteriza um homem e uma mulher, se há de fato uma possibilidade de defini-los atualmente.

201

²² Freud, Sigmund. "Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna", Edição Standard Brasileira, Imago, Rio de Janeiro.

²³ Freud, Sigmund. "Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos", Edição Standard Brasileira, Imago, Rio de Janeiro.

Freud e Nietzsche, por exemplo, têm críticas e reservas quanto ao feminismo. Schreber radicaliza o feminino, assumindo-o, e Weininger nega-o fervorosamente. Uma ambivalência ainda presente nos dias de hoje. Às avessas, o discurso feminista repete um dos enganos modernos. Como fala solitária, reproduz a mesma ordem homossexual criada pelos homens na Igreja e no Exército.²⁴

Contudo, ao privilegiar, no âmbito das análises de gênero, a "verdade" encarnada por um dos sexos, mantém-se a polarização à qual a categoria sexo está remetida. A crise moderna revelada enquanto *crise de identidade* ganha apoio frente ao que Musil²⁵ aponta como busca de uma vida melhor. Para isto, há necessidade de permanecer em situação de disponibilidade subjetiva, de deixar seu caráter (o conjunto de qualidades) inacabado, para que com isto surjam novas combinações possíveis. É preferível uma liberdade feita de indeterminação a todas as certezas que subordinam à sua volta. Assim, o homem sem qualidades se afirma como um homem do possível e da experimentação, que não se alarma ao ver sua identidade passar por contínuos remanejamentos.

²⁴ Esta afirmativa foi formulada a partir do texto de Freud "A psicologia das massas e o ideal do eu" (1921). O trabalho de Daniel Paul Schreber é "Memórias de um doente dos nervos"; o de Otto Weininger, "Sexo e caráter".

²⁵ Referência ao livro de Robert Musil *O homem sem qualidades*.

181-ECO-PCUL-5-707-181